

PROGRAMAÇÃO MAIO/2018

EBP/SEÇÃO-RIO

NOTA DA DIRETORIA

Em abril, o XI Congresso da AMP nos reuniu em Barcelona. O trabalho sobre o ensino que ali se deu continuará nos próximos meses. Mais abaixo, podem ser lidos alguns comentários de colegas que lá estiveram.

Retomaremos nosso trabalho em maio, ouvindo os ecos de Barcelona repercutidos pelo Conselho da EBPRio.

O seminário “Conversas sobre o passe”, coordenado por Heloisa Caldas e Ana Tereza Groisman, receberá o AE Sergio Laia, no dia 25/05.

No Seminário Clínico, trabalharemos sobre um caso de Maria Antunes Tavares, recém-admitida como membro da EBP.

A Diretoria de Biblioteca promoverá também o lançamento do livro organizado por Marcus André Vieira e Thereza De Felice. Vale conferir.

Depois de Barcelona, nossa próxima parada será no XXII Encontro Brasileiro. Todos estão convidados a navegar no site e ler os textos do Boletim Polifonias que serão discutidos no dia 21 de maio. Vejam lá: <http://encontrobrasileiro2018.com.br/boletim/boletim-001/>

Desde já, anuncio dois eventos a serem anotados na agenda:

A segunda sessão de cinema do ciclo de debates “A subversão nos tempos atuais” será no dia 28 de junho, com o filme “O insulto”, no Cine Jóia.

Dando sequência ao Ciclo de Palestras “Raízes literárias da psicanálise”, Marcelo Jacques de Moraes irá nos falar sobre Georges Bataille, no dia 27 de agosto. Preparem-se...

Vamos lá!

Angela C. Bernardes

AGENDA

Ecos de Barcelona

Atividade do Conselho da EBP-Rio

Dia 07 de maio, às 20h, Rua Capistrano de Abreu, 14/16.

Curso do Observatório de Políticas do autismo da EBP/FAPOL

“A especificidade do autismo: o que a clínica nos ensina”

Cristina Vidigal e Ana Martha Wilson Maia

Dia 12 de maio, sábado, às 9h

LOCAL: EBP-Rio e EBP-Minas com transmissão via Webex para demais Seções e delegações da EBP

Seminário Clínico

Dia 14 de maio, às 20h, Rua Capistrano de Abreu, 14/16.

Apresentação: *Maria Antunes Tavares*

Comentários: *Andrea Reis Santos*

Coordenação: *Angela Bernardes e Cristina Duba*

Próxima estação: XXII Encontro Brasileiro

Dia 21 de maio, às 20h, Rua Capistrano de Abreu, 14/16.

Coordenação: *Maria Silvia Hanna*

Conversas sobre o passe

Dia 25 de maio, sexta-feira, às 18h, Rua Capistrano de Abreu, 14/16.

Depoimento de passe de *Sergio Laia*

Comentários: *Marcus André Vieira*

Coordenação: *Ana Tereza Groisman e Heloisa Caldas*

Noite da Biblioteca

Dia 28 de maio, às 20h, Rua Capistrano de Abreu, 14/16.

Lançamento do livro *A arte da escrita cega: Jacques Lacan e a letra*, organizado por Marcus André Vieira e Thereza De Felice

Coordenação: *Elisa Monteiro*

VÍDEO

Assista aqui:

Noite de Cartéis 16/04

<https://youtu.be/k79X7XK57mc>

RESSONÂNCIAS DO XI CONGRESSO

Por: *Fernando Coutinho Barros*

Quando vamos a um concerto, enquanto aguardamos seu início, os músicos, já no palco, procuram, um a um, afinar seus instrumentos, numa multiplicação de sons isolados. Chega, então, o spalla, para dar o tom a todos, servir de referência para a orquestra.

Para mim, de início, tive a sensação do Congresso como uma grande emissão de sons interessantes, mas que necessitavam de uma nota inicial e um posterior distanciamento para que se fizesse sentir como orquestra.

Correndo o risco de ser injusto, atribuo à fala de Éric Laurent a função da nota emitida pelo spalla para dar unicidade ao múltiplo das outras contribuições.

O uso que pode ser feito da “disrupção” do gozo, causada pela efração na homeostase do corpo, num falasser em análise sob transferência, soou como essa nota.

O texto, sem dúvida, muito denso, é um verdadeiro programa de trabalho que questiona o conceito de transferência (sujeito suposto saber) no primeiro e último ensino de Lacan.

Laurent questiona também o que seriam os efeitos produzidos no falasser nessa parceria com um analista que não estaria mais ocupando o lugar de um sujeito suposto saber, nem do Outro que contivesse um significante do Nome do Pai, mas de um parceiro de gozo, coadjuvante na produção de uma suplência reguladora do gozo excessivo.

Depois dessa nota inicial, as mais diversas intervenções puderam funcionar, para mim, como a escuta de uma grande orquestra, com seus solos, mas também com seu efeito de conjunto.

Sobre o ordinário e o extraordinário no XI Congresso da AMP e seu entorno

Por: *Andréa Reis Santos*

Considerando o ordinário como o que é usual, conforme o costume, acredito que o ordinário desse Congresso, aquilo que mais ou menos se repete em outros Congressos da AMP, foi o volume e a intensidade de uma transmissão que produz muita consequência. Depois de uma semana de novos encontros e reencontros, plenárias, algumas falas inesquecíveis, as discussões dos trabalhos clínicos, reuniões institucionais, festa, conversações, e ainda algo mais, não se sai do mesmo jeito que se entra. Por incrível que pareça, esse volumoso trabalho de transmissão é o ordinário dos grandes encontros do nosso Campo.

Sobre o extraordinário, acredito que provavelmente tenha se apresentado de uma maneira diferente para cada um. Para mim, o extraordinário, como fora do previsto, como inesperado que produz efeito de interpretação, se deu a partir de duas “presenças”. Uma delas foi a presença maciça do dispositivo do passe, que nunca ocupou tanto espaço em um Congresso. Foi uma presença na qualidade de *ocupação* que teve efeito de ato, já que nenhum outro dispositivo ensina tanto sobre aquilo que não se sabe como ensinar em psicanálise. E me parece que nunca se pôde extrair tantos efeitos do que os passes são capazes de ensinar como aconteceu dessa vez. A outra presença foi o silêncio de Miller. Do começo ao fim, nenhuma só palavra! Um silêncio que foi interpretado por cada um a seu modo e que, ao mesmo tempo,

interpretou a nossa comunidade, principalmente se não for levado em conta isoladamente, mas incluído na sequência das suas últimas conferências. De corpo presente e sendo exaustivamente citado, Miller e seu silêncio eloquente ocuparam a cena do Congresso. Resta agora seguir trabalhando para extrair dessa “eloquência” a potência de seu dito e do trabalho em torno do passe, o ensino que orienta nossa prática.

Por: *Renata Martinez*

A força e a dimensão do XI Congresso, *As Psicoses Ordinárias e as outras sob transferência*, foram impactantes e mostraram o alcance que a Associação Mundial de Psicanálise e suas sete Escolas têm hoje no mundo. Talvez seus números, uma vez olhados em conjunto, possam retratar algo disso: mais de 2200 participantes de 16 países diferentes, quase 300 trabalhos apresentados na Jornada Clínica, 31 trabalhos e 16 testemunhos de passe - entre primeiros testemunhos e “soluções singulares”- em plenária, a conferência de Éric Laurent. Temos que contar também os duos ou trios de arranque e os grãos de loucura trazidos por AEs ou ex-AEs na abertura e fechamento das salas simultâneas: foram 33 pequenas pérolas. Podemos continuar contando e chegaremos a 94 presidentes de mesa, entre plenárias e simultâneas. Enfim, foram dias intensos, de muito trabalho e mobilização de muita gente, para atestar a vida da psicanálise e, como disse Miller em seu *Campo Freudiano, Ano Zero*, “inscrever para sempre o ensino de Lacan no discurso universal”.

CRÉDITOS

Comissão de Divulgação e Mídia da Seção Rio:

Sandra Landim (coordenação), Lourenço Astúia de Moraes (consultor), Marina Morena, Natália Maia Coutinho, Paula Legey e Thereza De Felice.

Andamento do ICP-RJ

Notícias do Cien – abril 2018

O Cien promoveu, no dia 3 de abril, um encontro com o tema “Que lugar para tratar o adolescente usuário de drogas? Que lugar para a droga na adolescência?”. A conversação proposta pelo **Laboratório Pipa Avoada**, iniciada a partir do relato dos impasses na chegada de um adolescente em um Caps-Ad, abriu vários caminhos para pensar, tanto a Rede de Saúde Mental no Rio de Janeiro, quanto as especificidades do acolhimento para cada adolescente. A vinheta traz a questão: seria o Caps-Ad o lugar para tratar esse adolescente? Era a droga a questão em jogo, nesse caso? A escuta atenta e delicada nos primeiros encontros, sem recusar o lugar ao qual o menino e a mãe endereçavam suas questões a partir do significante “drogado”, teve efeitos de enlaçamento do menino ao tratamento, deslizando para a questão: “Qual é o meu lugar? Na família, na vida, o que eu quero ser? Quais são as saídas que encontro?”.

Para a equipe, o manejo, a partir do sintoma do menino e do desejo dos envolvidos no trabalho, permite construir “**uma rede**”, tanto formal quanto informal, de acolhimento e

escuta para esse adolescente. A partir de uma pergunta sobre o retorno do menino para a escola, surge a questão: por que insistimos tanto em inserir nossos assistidos em escolas formais? Algumas vezes, esse retorno pode se dar mediado pela escola informal, de circo, de música, por exemplo.

Assim, no próximo encontro, **dia 8 de maio, às 20h30**, o Laboratório Digaí-Escola trará questões ligadas à Educação. Em breve, faremos a divulgação.

Esperamos vocês lá!

Ana Beatriz Rocha Bernat – coordenadora Cien-Rio

Anna Luiza Almeida e Silva e Vânia Gomes – coordenação adjunta

Encontro com a clínica do autismo

Seguindo a Orientação do Observatório do Autismo, da FAPOL, trabalharemos, nesse ano, os três eixos de pesquisa propostos: intervenção precoce, inclusão na educação, e pais e associações.

Para tanto, continuaremos a interrogar a conferência de Jean-Claude Maleval, "Da estrutura autística", e sua articulação com casos clínicos.

Dia 23 de maio, quarta-feira, às 21h.

Coordenação:

Maria do Rosario Collier do Rêgo Barros

Paula Borsoi

AGENDA

ENCONTRO MENSAL DO CIEN RIO

08 de maio – terça-feira, às 20h30

Coordenação: *Ana Beatriz Rocha Bernat* - Coordenação CIEN-Rio

Anna Luiza de Almeida e Silva e Vânia Gomes - Colaboração na coord. CIEN-Rio

ENCONTRO COM A CLÍNICA DO AUTISMO

Dia 23 de maio – quarta-feira, às 21h

Coordenação: *Maria do Rosario Collier do Rêgo Barros e Paula Borsoi*

ECOS DO XI CONGRESSO

Impressões

O que mais gostei no Congresso foi da intervenção de Gustavo Dessal, que demonstrou que o capitalismo atual exige do sujeito uma enorme flexibilidade e disposição para se adaptar rapidamente às novas situações e às mudanças nas condições de trabalho. Ao sujeito lhe é demandado não pensar para não perder tempo e assim conseguir sobreviver. [Leia+](#)

La perla de Barcelona

Vicente Machado Gaglianone - Psicose e Saúde Mental



Se não houvesse pérola alguma, “ainda assim teríamos os *Jamóns* pendurados”¹. Mas não é absolutamente o caso. Foram muitas e a escolha é difícil. Como não ficarmos sensíveis à intervenção de Romildo do Rêgo Barros com sua coragem em subir ao púlpito para denunciar a judicialização da política no Brasil, fato que é índice da ameaça de ruptura do laço social de nossa frágil democracia? Tantas outras... Fico, então, por julgar de interesse específico ao tema do Congresso, com o comentário de Laurent, no primeiro dia, quando, da plateia, comentou os quatro tempos de uma análise. Há vídeos nas redes sociais e pode-se ouvi-lo com o peso de sua voz, entretanto o retomo aqui. [Leia+](#)

O XI Congresso, “As Psicoses Ordinárias e as outras, sob transferência”

Maria Antunes Tavares - Práticas da Letra

Falar deste congresso é, para mim, falar de uma certa paisagem, a paisagem da cidade de Barcelona, onde se sobrepõe a cidade clássica ao aberto. Uma paisagem com ruelas históricas, bairro Gótico, uma igreja romana, uma catedral gótica. Uma cidade de paisagem tranquila que dá uma sensação de continuidade histórica, que nos faz sentir dentro de um quadro, com referências sólidas, sobrepostas a uma cidade que irrompe de Gaudí, Picasso, Miró... A cidade que abre, para além das referências, para além do falo, para um gozo místico de Gaudí, ou de uma releitura das Meninas, de Velasquez, por Picasso, ou de detalhes minimalistas de Miró. Ou, ainda, com um Miró além da tela, quando ele corta e queima a mesma tela anos depois. [Leia+](#)

Notas, comentários e reflexões sobre “La vida episódica” de Gustavo Dessal- Apresentado no XI Congresso da AMP, Barcelona, 2018

Ondina Machado- Política do Ato

O trabalho apresentado por Gustavo Dessal, no XI Congresso da AMP- Barcelona 2018, “La vida episódica”, trata de um aspecto dos dias atuais que, embora muito ligado ao campo laboral, proporciona uma reflexão sobre o supereu que se manifesta sorrateiramente no Outro atual. Dessal fala sobre uma nova normalidade que, a nós psicanalistas, já soa de forma irônica. Situa que este é um sintagma amplamente usado pelo discurso neoliberal, que busca dar um aspecto natural ao que seria motivo de revolta contra as condições atuais de vida. Esta naturalização busca que os cidadãos introjetem normas advindas de decisões políticas como se tivessem “caído do céu”. Com essa expressão, ele quer dizer que as decisões políticas são vendidas como uma fatalidade, que as transformações que provocam em nossas vidas seriam fruto de uma contingência em relação às quais devemos nos conformar e até mesmo as replicar sem manifestar nenhuma oposição. Para nos convencer, prometem o sucesso pessoal e profissional. Ele lista três características “desejáveis” por essa nova normalidade. [Leia+](#)

BLOG E FACEBOOK



<https://icprj.wordpress.com/>



<https://www.facebook.com/institutodeclinicapsicanaliticarj>

CRÉDITOS

Comissão de publicação do ICP-RJ: Cristina Duba (coordenação), Cecília Moraes, Leonardo Miranda, Luiza Sarrat Rangel, Sandra Landim, Tatiana Grenha e Thereza De Felice

www.ebprio.com.br